

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

IMAGENS BOMBÁSTICAS: DISPUTAS NARRATIVAS E

MIDIÁTICAS SOBRE ATENTADOS E ATAQUES

Graziela Godwin; grazigodwin@gmail.com (coautor)¹
Jenisson Bartniski; jenibartniski@gmail.com (coautor)²
Joyce Nascimento; joyce.todimo13@gmail.com (coautor)³
Kennid Teixeira; kennidrt@gmail.com (coautor)⁴
Matheus Fin; finmatheus@gmail.com (coautor)⁵
Vinicius Souza; vgpsouza@uol.com.br / vinicius.souza@ufmt.br (coautor/orientador)⁶

RESUMO

Este artigo analisa como são construídas as disputas narrativas e midiáticas nas coberturas de guerras e atentados que geram repercussão mundial. Os ataques no território histórico da Palestina/Israel sobre a flotilha de ajuda humanitária, em 31 de maio de 2010, os ataques de 07 de outubro de 2023 (executados pelo grupo palestino Hamas), o ataque com autoria sob disputa no Hospital Baptista Al-Ahli na Faixa de Gaza, em 17 de outubro de 2023, o atentado do Aeroporto dos Guararapes, no Recife em 1966 e a bomba no Riocentro, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1981 são alguns dos exemplos analisados. A partir dos pressupostos de Souza (2011 e 2023), Sontag (2008), Chomsky (2019), Said (2012), Mbembe (2023), Motta (2014) e Pilger (2010), analisamos e contrapomos estes episódios, suas representações midiáticas e enquadramentos jornalísticos para compreender como a "verdade" se torna a primeira vítima nas guerras.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativas. Guerras. Atentados. Jornalismo. Enquadramento.

1. INTRODUÇÃO

O mundo assiste estarecido no final de ano de 2023 e início de 2024 a um novo e mais sangrento acirramento do conflito na Palestina, após os ataques pelo braço armado do grupo Hamas, que governa a Faixa de Gaza desde 2007, a uma festa de

¹ Bacharel em Jornalismo pela UFMT/Araguaia, discente do PPGCOM e bolsista da CAPES

² Bacharel em Comunicação Social - Radialismo pela UFMT, discente do PPGCOM

³ Doutoranda do PPGEL/UFMT, professora da rede estadual de ensino e bolsista da CAPES

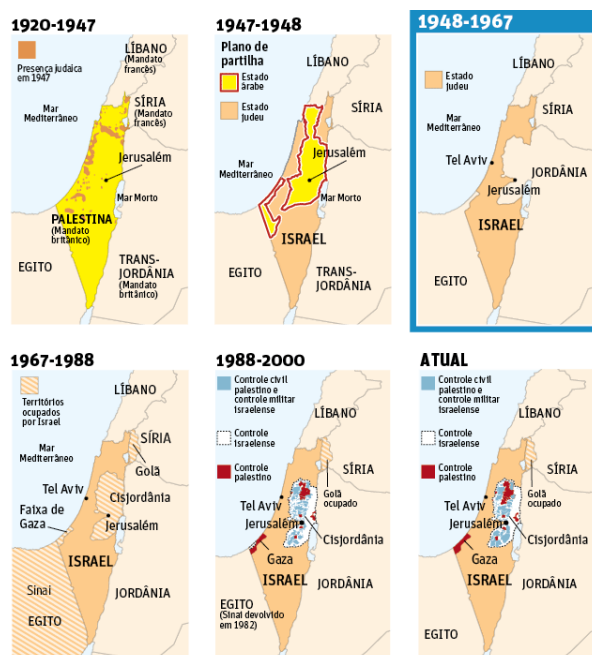
⁴ Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UNIC, discente do PPGCOM e bolsista da CAPES

⁵ Bacharel em Jornalismo pela UNIC, discente do PPGCOM

⁶ Jornalista, professor do PPGCOM e coordenador do Departamento de Jornalismo da UFMT

música eletrônica e, posteriormente, a moradores de *kibutzis* no território ocupado pouco a pouco (figura 1) pelo Estado de Israel desde 1948. Quando este texto foi fechado, as estatísticas oficiais somavam mais de 25 mil mortos - 95% palestinos e desses mais da metade composta por menores de 18 anos. É consenso entre os historiadores que a conquista de facto do território histórico pelo Estado Judeu, a partir da Resolução 181 sobre a Partilha da Palestina, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1947, foi movida tanto por ações militares, como por atentados terroristas e limpeza étnica, no que os palestinos chamam de Nakba, termo em árabe para catástrofe.

Figura 1: Ocupação gradual do histórico território da Palestina pelos judeus entre 1920 e atualmente



(Fonte: <https://jornalistaslivres.org/a-palestina-apagada-do-mapa/>)

O movimento sionista, surgido no século XIX como reivindicação política para a criação de um estado nacional para os judeus da diáspora nas terras em volta da cidade de Jerusalém, no Monte Sião, então sob domínio do Império Britânico, ganhou força após o Holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial. Quando mais de 6 milhões de judeus foram assassinados, o movimento conseguiu espalhar pelo mundo

a narrativa de “uma terra sem povo para um povo sem terra”, criada por Israel Zangwill (1864-1926), para definir a Palestina. Acontece que havia, e ainda há, um Povo Palestino nessas terras! Como diz Salem Nasser, no prefácio da edição brasileira de *A Questão da Palestina*, de Edward Said,

A tragédia da Palestina é territorial na medida em que uma outra pretensão - mais forte, mais estruturada e mais relevante no que se poderia chamar de jogo das nações - reclama o domínio não partilhável da terra. Mas é também uma tragédia de negação e, em certo grau, de invisibilidade: a narrativa palestina é gradualmente apagada, escondida, suplantada por outra que lhe faz concorrência e, ao mesmo tempo, a substitui por representações reducionistas e caricaturais. (NASSER *in* SAID, 2012, p. VIII)

O ensaio aqui apresentado, desenvolvido em conjunto por discentes e docente como exercício em disciplina optativa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, analisa um dos mais controversos episódios da nova fase dos conflitos na região: o bombardeamento do Hospital Baptista Al-Ahli em 17 de outubro de 2023, que teria matado cerca de 500 civis palestinos. Como o ataque a civis e instalações médicas é considerado crime de guerra pelo Direito Internacional Humanitário, imediatamente o Governo de Israel e o Hamas começaram a trocar acusações por meio da imprensa sobre a autoria do ataque, utilizando, principalmente, vídeos e áudios que “comprovariam” suas teses. A partir dos pressupostos de Souza (2011 e 2023), Sontag (2008), Motta (2014), Chomsky (2019), Said (2012), Mbembe (2023) e Pilger (2010), analisamos e contrapomos a este outros episódios de ataques ou tentativas de ataques terroristas a bomba no Brasil entre 1966 e 1981, suas representações midiáticas e enquadramentos jornalísticos.

Uma das perguntas da pesquisa [da Universidade de Massachusetts sobre a Crise no Golfo] era: “Entre mortos e feridos, quantas vítimas você calcula que a Guerra do Vietnã causou?” A resposta média dada pelos americanos hoje é de que foram cerca de 100 mil. Dados oficiais apontam que foram cerca de 2 milhões. O número real provavelmente está entre 3 e 4 milhões. As pessoas encarregadas da pesquisa levantaram uma questão relevante: O que pensaríamos da cultura política alemã se, quando perguntássemos às pessoas hoje quantos judeus morreram no Holocausto, elas calculassem o número em cerca de 300 mil? [...] Oriente Médio, terrorismo internacional, América Central, qualquer que seja a situação, a imagem do mundo que é apresentada à população tem uma pálida relação com a realidade. A verdade dos fatos encontra-se enterrada em montanhas e montanhas de mentiras. [...] Se quisermos compreender nossa própria sociedade, precisamos refletir sobre esses fatos. (CHOMSKY, 2019, pp. 37-38)

Discutir as diferentes narrativas sobre conflitos é fundamental, afinal,

(...) o filme [A guerra que você não vê, John Pilger, 2010] narra os fatos da 1ª Guerra Mundial (16 milhões de mortos e 21 milhões de feridos) e um diálogo travado entre o então primeiro ministro britânico, David Lloyd George, e o editor do jornal The Guardian, C.P. Scott: “Se as pessoas soubessem a verdade, a guerra acabaria amanhã. Evidentemente não sabem. Não podem saber”. Trata-se da reafirmação da clássica frase: “A primeira vítima, da guerra, é a verdade”, alegadamente proferida pelo senador republicano e ex-governador da Califórnia Hiram Johnson, em 1917. Mas, mais do que isso, é a revelação das íntimas relações entre os governantes e a mídia para criar a “verdade” ou a “realidade” que o povo deve conhecer. (SOUZA, 2011, p. 2)

2. OS ATAQUES EM ISRAEL

Os conflitos na Palestina histórica recebem estes olhares do mundo todo, novamente, em 2023 e 2024, principalmente pelos possíveis desdobramentos aos quais os combates poderiam levar, apesar de, na verdade, terem se iniciado na primeira metade do século XX⁷. Alguns dos pontos mais dramáticos dos fatos deste novo capítulo na longa história desta guerra são os ataques terroristas do Hamas contra cidadãos de Israel e outras nacionalidades no dia 07 de outubro de 2023 e o bombardeamento de um hospital na Faixa de Gaza em 17 de outubro de 2023.

O fato que detonou essa nova fase do conflito se iniciou na madrugada do dia 07 de outubro de 2023, quando, segundo reportagem do jornal Folha de S. Paulo⁸, ao menos 1.500 militantes do Grupo Islâmico Hamas conseguiram se infiltrar por cerca de oito pontos distintos na fronteira da Faixa de Gaza e atacaram uma rave e mais 21 locais no território de Israel. Dados do Ministério de Saúde palestino, daquele dia, apontaram 200 israelenses mortos do seu lado da fronteira e 232 palestinos mortos em Gaza pela reação israelense, além de 1.697 feridos⁹. Já de acordo com o governo de

⁷ [Linha do tempo] Conflito entre Israel e Palestina. Clipping Blog. Disponível em: <https://blog.clippingcacd.com.br/cacd/conflito-israel-e-palestina/> Acesso: 18/12/2023

⁸ Entenda como foi o ataque terrorista do Hamas em Israel no 7 de Outubro. Folha de S. Paulo, 14 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/entenda-como-foi-o-ataque-terrorista-do-hamas-em-israel-no-7-de-outubro.shtml> . Acesso em 20 de dez. de 2023.

⁹ Israel sofre ataque surpresa e sem precedentes do Hamas; veja imagens da destruição. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/imagens-mostram-destruicao-de-ataques-em-israel-veja/> Acesso: 18/12/2023

Israel, 1.400 pessoas teriam sido mortas em seu território (número mais tarde revisado para 1.200) e cerca de 200 pessoas teriam sido sequestradas e levadas para a Faixa de Gaza.

Dez dias depois, com a ofensiva das chamadas Forças de Defesa de Israel realizando um intenso bombardeio, principalmente na parte norte da Faixa de Gaza, por volta das 18h30, um míssil atingiu o estacionamento do Hospital Batista Al-Ahli, deixando cerca 500 pessoas mortas e mais de 300 feridas, dezenas delas em estado grave, conforme números divulgados quatro dias depois¹⁰. A partir deste segundo acontecimento, outra guerra volta a tomar conta da mídia: a de narrativas. Nesta guerra, já não são bombas e armas, mas sim ideologias políticas e até mesmo questões religiosas/teológicas que estão em disputa. Afinal, como já demonstrava Achille Mbembe, no ensaio que definiu o conceito de necropolítica:

A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação da Palestina. Aqui, o Estado colonial tira sua pretensão fundamental de soberania e legitimidade da autoridade de seu próprio relato de história e identidade. Essa narrativa é reforçada pela ideia de que o Estado tem direito divino de existir; e entra em competição com outra narrativa pelo espaço sagrado. [...] Em consequência, a violência colonial e a ocupação se apoiam no terror sagrado da verdade e da exclusividade (expulsões em massa, reassentamento de pessoas “apátridas” em campos de refugiados, estabelecimento de novas colônias). (MBEMBE, 2023, pp. 41-42)

No artigo "Orientalismo na Imprensa Brasileira: O Brasil de Fato e suas influências na construção de novas narrativas acerca do conflito de Israel e Palestina" (ALMEIDA, at el, p., 2023), vemos que a comunicação presente nestes contextos de guerra funciona como potencializadora de pensamentos e ideologias daqueles que sustentam financeiramente os lados. A disputa de narrativas ocorre tanto nos veículos tradicionais (jornais, revistas, TVs, rádios), como nos digitais (portais, blogs, sites) e também nas redes sociais.

Rosana de Lima Soares (2010) em seu "Pequeno inventário de narrativas midiáticas: verdade e ficção em discursos audiovisuais", propõe que deva ser pensado

¹⁰ Ataques de Israel na Faixa de Gaza: Israel solicita a evacuação de 20 hospitais em Gaza. TRT. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/medio-oriente/2023/10/21/ataques-de-israel-na-faixa-de-gaza-israel-solicita-a-evacuacao-de-20-hospitais-em-gaza-2054062> Acesso: 18/12/2023

o jornalismo como um meio em que se formam as narrativas midiáticas. Já Motta (2005) defende que quem narra tem algum objetivo nesta locução, sendo que nenhuma narrativa é neutra. Souza (2023) reforça essa posição ao separar as mídias jornalísticas como secundárias (analógicas) e terciárias (eletro-eletrônicas), mas ambas dentro da chamada “segunda realidade”, que depende sempre das opiniões e pontos de vista de quem a constroi e/ou distribui.

A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. Assim, a comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas. (MOTTA, 2005 p.2)

Entendido que sempre há uma questão narrativa por trás do conflito, ou melhor, a guerra por trás da guerra, é pertinente analisar como essas narrativas foram enquadradas. Não necessariamente se trata de *fake news*, o que é muito frequente e prejudicial neste tipo de cobertura, mas sim o enquadramento dado a elas. A informação possui um mesmo local de partida: o ataque ao Hospital na Faixa de Gaza. No momento em que míssil atinge o local, não se sabia muito sobre o caso e não havia imagens tão apuradas que, mesmo assim, começaram a sair no decorrer dos dias após o ataque. Mas ainda assim os veículos (e governos e fontes primárias que os “informaram”) tinham o suficiente para noticiar e enquadrar o fato em uma narrativa.

No primeiro exemplo apresentado logo abaixo, tem-se a capa do título, que saiu no mesmo dia do ataque, da matéria publicada no G1 (figura 2). Nela, é possível compreender uma narrativa pró-Israel, onde o país se defende e coloca a culpa em um de seus adversários no ocorrido: a Jihad Islâmica.

Figura 2: Print da matéria publicada pelo G1 no mesmo dia do ataque:

MUNDO

Israel afirma que Jihad Islâmica é a responsável por explosão em hospital

O Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, afirmou que centenas de pessoas morreram em um ataque ao hospital Ahli Arab, na cidade de Gaza.

Por g1

17/10/2023 16h11 - Atualizado há um mês

(Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/17/israel-afirma-que-hospitais-nao-sao-alvos-das-suas-forcas-de-defesa-e-que-investiga-ataque-em-gaza.ghtml>)

Num segundo exemplo (figura 3), temos o mesmo acontecimento divulgado por outro meio de comunicação no mesmo dia. Agora, Israel já não mais se defende e acusa o inimigo, mas é apresentado como o vilão do episódio.

Figura 3: Print do título da matéria publicada no mesmo dia do ataque pela RBA

EXTERMÍNIO

RBA
Rede Brasil Atual

Israel ataca hospital e escola da ONU. Mais de 500 pessoas morreram. 'Nenhum lugar é seguro'

Mais ataques de Israel direcionados a civis em Gaza. Centenas morreram e muitos estão feridos, incluindo funcionários da ONU

Por Redação RBA

Publicado 17/10/2023 - 16h09

(Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/israel-ataca-hospital-e-escola-da-onu-em-gaza-centenas-morrem/>)

Essas notícias, publicadas com uma diferença de apenas três minutos na imprensa brasileira, deixam clara a disputa narrativa sobre a guerra, uma constante no jornalismo desde as *Actas Diurnas*, com relatos sobre as vitórias do exército romano nas diversas frentes de batalha meio século antes de Cristo. Entretanto, poucos são os leitores que leem mais de uma fonte jornalística e há centenas de trabalhos

(jornalísticos e acadêmicos) demonstrando a quase unicidade de pontos de vista da mídia *mainstream*, ou hegemônica¹¹. Vistas separadamente, as informações dadas por esses veículos de informação dão a entender e favorecer um lado. Isso evidencia, sobretudo, que mesmo nas guerras, as guerras secundárias, as narrativas, tendem a ser tão intencionais e calculadas, quanto as que contam com bombas, exércitos e mísseis.

3. O CASO RIOCENTRO

A disputa sobre autoria de ataques, especialmente os terroristas, não é incomum. Assim como não é raro a imprensa publicar somente a “versão oficial” do governo ou, no caso de guerra entre nações, de quem possui imprensa mais forte. No Brasil, isso aconteceu, por exemplo, no caso da bomba no aeroporto do Recife, em Pernambuco, em 1966, que levaria à intensificação da ditadura civil-militar no país com a decretação do Ato Institucional Número 5, o AI5, em 1968. Apesar do governo militar saber desde ao menos 1970 que as pessoas presas e torturadas pelo atentado eram inocentes, esse “erro” nunca foi corrigido. Do mesmo modo, o fato de o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, ter planejado ataques à bomba em 1987 não o impediu de ser reformado pelo Exército, se tornar parlamentar e vencer a disputa à presidência com o gabinete mais militarizado que os do regime de 1964. Ambos os casos foram analisados na disciplina Disputas Narrativas no Audiovisual e contribuíram para a realização deste texto. Contudo, para apresentação no 23º ENEJOR, tiveram de ser suprimidos do trabalho final.

Apesar das tentativas de atentado de Jair Bolsonaro não terem se concretizado, elas fazem parte de quase uma “tradição” no militarismo nacional. Tanto que houve uma nova tentativa de explosão no Aeroporto de Brasília em dezembro de 2022 para

¹¹ Entre esses trabalhos podemos citar: Os meios de comunicação hegemônicos do Brasil e a notícia, de Alexandre Tambelli (2014), disponível em: <https://jornalggn.com.br/midia/os-meios-de-comunicacao-hegemonicos-do-brasil-e-a-noticia/>; Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil, de Bruno Marinoni (2015), disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12117.pdf>; e Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição de Gramsci, de Dênis de Moraes (2010), disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420/8298>.

tumultuar a situação política e, talvez, impedir a posse do novo governo eleito. De fato, grupos de extrema-direita e parte dos militares praticaram atos terroristas contra civis em diversas partes do país, através de bombas implantadas em lugares estratégicos no final a ditadura. Segundo o relatório preliminar da pesquisa "Riocentro: Terrorismo de Estado Contra a População Brasileira", divulgado em 2014 pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), foram implantadas 40 bombas entre os anos de 1980 a 1981, sendo a última planejada para explodir no Riocentro, em 30 de abril.

O derradeiro artefato explosivo dessa época estourou, por descuido, no colo do Sargento do Exército Guilherme Pereira do Rosário, matando-o na hora, e deixando gravemente ferido o Capitão Wilson Dias Machado, que também estava no carro. A bomba tinha sido planejada para ser colocada no Show dos Trabalhadores, que ocorreu naquela noite. Às 21h20, a plateia ouviu um estrondo. A partir daí começava, então, o tensionamento das narrativas militares *versus* imprensa a fim de descobrir a autoria do atentado: quem eram os terroristas?

Figura 4: carro em que estavam os militares com bombas para explodir no show



(Fonte: <https://www.intercept.com.br/2022/11/29/legado-de-jair-bolsonaro-atentados-terroristas/>)

Na data marcada para o show, que se estenderia até a madrugada do dia seguinte, o coronel Nilton Albuquerque Cerqueira, comandante-geral da PM do Rio de Janeiro, deu ordem ao 18º Batalhão da Polícia Militar (BPM) para que “não forneça

policiamento ao evento programado para o Riocentro”¹². Ainda no mesmo dia, aproximadamente 15 militares se reuniram no restaurante Cabana da Serra, localizado na estrada Grajaú-Jacarepaguá, Rio de Janeiro, para planejarem a execução da bomba. Os homens portavam armas e mapas, o que deixou os funcionários amedrontados e, por isso, chamaram a polícia. Mas quando a polícia chegou, o grupo já tinha ido embora.

O plano era implantar uma bomba no show organizado pelo Centro Brasil Democrático (Cebrade), setor cultural presidido na época pelo arquiteto Oscar Niemeyer e que tinha vínculo com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ou seja, o atentado tinha o viés anticomunista. Apesar de ter matado e ferido militares da ativa, após as “investigações”, o Inquérito Policial Militar informou que a bomba foi decorrente de um ataque de grupos ligados à esquerda, como o Vanguarda Popular Revolucionária (desmantelado desde 1974). Desde o início do acontecimento, a imprensa pautou de forma crítica a versão dada pelos militares do resultado do inquérito, em razão da inconsistência das provas.

Figura 5: Print retirado do site do jornal O Estado de São Paulo, mesmo grupo que publicava o Jornal da Tarde



(Fonte: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.atentado-do-riocentro-as-bombas-que-tentaram-parar-a-abertura-politica.70003698606.o.htm>)

¹² Comissão Nacional da Verdade. Relatório Preliminar de Pesquisa Caso Riocentro: Terrorismo de Estado Contra a População Brasileira. 2014.

A manchete do Jornal da Tarde exemplifica bem como os tensionamentos são fatores inerentes das narrativas. A frase “Veja os fatos e julgue” dá a entender que o veículo quis articular a ideia de neutralidade - o papel do jornal é de somente revelar os fatos e que o leitor poderá, a partir deles, formular seus próprios juízos de valor. Contudo, a neutralidade não é condizente com a narrativa. Quem narra, narra de algum lugar e este lugar está repleto de atravessamentos, subjetividades, ideologias (SOUZA, 2023).

Figura 6: Matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 2 de maio de 1981

(Fonte: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_o2mai1981.htm/)



Acervo on line

MAIS BOMBAS NO CARRO

Publicado na **Folha de S.Paulo**, sábado, 2 de maio de 1981

Mais duas bombas encontravam-se no interior do "Puma" onde um terceiro explosivo detonou no noite de anteontem, no Rio, matando o sargento Guilherme Pereira do Rosário e ferindo gravemente Wilson Machado, ambos do Exército.
As duas bombas que não explodiram foram mostradas ontem, no interior do carro, pelos teipes da Rede Globo de Televisão. No entanto, o comandante do 1.º Exército, general Gentil Marcondes Filho, disse que não conseguiu confirmar a existência dessas bombas não-detonadas e classificou a explosão da terceira como "um atentado, intencional ou não", provocado por "grupos que querem conturbar o andamento do desenvolvimento democrático do País". Ele admitiu que o capitão e o sargento estavam a serviço do setor de Informações do 1.º Exército, no momento em que se realizava, no Riocentro, bairro da Tijuca, um "show" de música por motivo do 1.º de Maio. E reconheceu que a bomba explodiu dentro do "Puma".
(Momentos depois dessa explosão, outra bomba detonou na casa de força do Riocentro, sem maiores consequências.)
O general garantiu ser "óbvio" que seus subordinados foram "vítimas de atentado, até que se prove o contrário". Repudiou a possibilidade de envolvimento de membros do Exército nas explosões, mas disse que todas as hipóteses serão investigadas, inclusive a de acidente.
O sargento Rosário foi enterrado no cemitério do Irajá com honras militares e seu caixão foi carregado, entre outros oficiais, pelo general Gentil Marcondes. Sueli, a mulher do sargento, confirmou que ele servia no Doi-Codi, como motociclista. Tanto no Instituto Médico Legal como no cemitério, não lhe permitiram ver o corpo do marido.
O capitão Wilson Machado continua em estado grave, internado no hospital Miguel Couto, mas - segundo os médicos - já não corre perigo de vida.
Policiais do Departamento Geral de Investigações Especiais concluíram ontem que a explosão dentro do "Puma" foi obra de terroristas, divididos em vários grupos. Essa conclusão baseia-se no depoimento de uma testemunha, cuja identidade não revelaram, que afirmou ter presenciado a fuga de três automóveis, em alta velocidade, logo após a denotação da bomba.
Nota conjunta divulgada pela OAB e ABI, com apoio de representantes de todos os partidos políticos e outras entidades, pede que se "apure, efetivamente, as responsabilidades de todos os envolvidos" na explosão das bombas.

© Copyright Empresa Folha da Manhã Ltda. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Empresa Folha da Manhã Ltda.

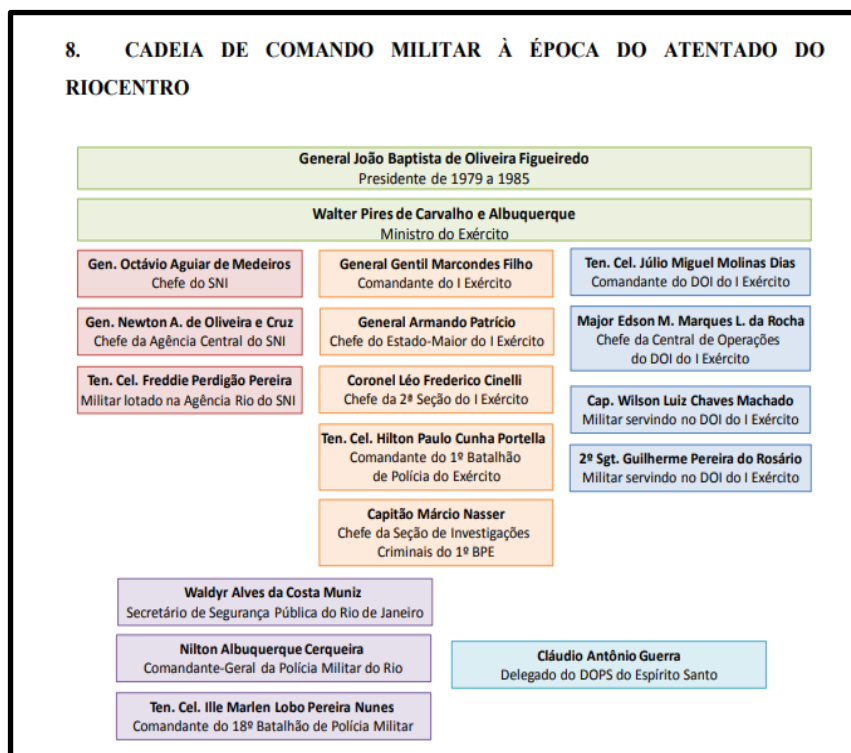
Diferente do Jornal da Tarde, a Folha de São Paulo, dois dias depois do atentado, contrapõe, sem floreios, a declaração do comandante do 1º Exército, general Gentil Marcondes Filho, que disse que a bomba foi “um atentado, intencional ou não”, provocado por "grupos que querem conturbar o andamento do desenvolvimento democrático do País” (figura 6). Antes das aspas do general, a matéria diz que “as duas bombas que não explodiram foram mostradas ontem, no interior do carro, pelos teipes da Rede Globo de Televisão” (figura 6). O relatório redigido pela CNV confirma a possibilidade de o geral ter conhecimento sobre a plano do atentado:

11h50 – Miranda: dentro do Puma. O Robot está morto. Tem uma granada que estava no carro e botaram no chão. Parece que o carro estava em movimento. Robot ou robô é uma clara referência ao agente que portava a bomba, no caso o agente Wagner, o sargento Guilherme Pereira do Rosário,

morto na explosão. *12h30 – Cel Afonso: Gen. Gentil sabia?* Nesta passagem das anotações, nota-se a indagação de um oficial, o coronel Afonso, em telefonema ao comandante do DOI do I Exército, às 00h30 do dia 1º de maio, diante da possibilidade de o general Gentil Marcondes Filho, então comandante do I Exército, ter conhecimento, com antecedência, do atentado terrorista. (COMISSÃO, 2014, p.666)

O general fazia parte da alta cúpula dos militares, conforme mostra a imagem abaixo:

Figura 7: Print retirado do relatório Preliminar de Pesquisa Caso Riocentro: Terrorismo de Estado Contra a População Brasileira produzido pela Comissão Nacional da Verdade



Fonte: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/riocentro/relatorio_preliminar.pdf

É possível notar também que, por mais que a fonte oficial seja um militar, ela aparece descredibilizada quando o próprio jornal contraria a fala do general. Na época, o sentimento pró-democracia se espalhava praticamente por toda a imprensa, desde os jornais que no início do golpe eram simpatizantes à ditadura, até a imprensa que sempre declarou oposição ao regime. Neste sentido, o enquadramento dado à notícia é de que os militares estavam, muito possivelmente, equivocados. O enquadramento era

contra-hegemônico, visto que a narrativa hegemônica era a dos militares e aquelas permitidas por eles.

[O enquadramento] Trata-se do processo em que os jornalistas escolhem palavras para a elaboração de uma ideia, hierarquizam informações, aprofundam ou não a discussão sobre um assunto e selecionam dados e imagens para compor uma matéria. Tudo isso molda a forma como uma realidade é construída e, conseqüentemente, compreendida pela população. (GARIBALDI, 2017, s/n)

Na notícia, por mais que não houvesse outras aspás, o texto menciona duas entidades públicas que eram abertamente contrárias ao regime: a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Assim, é possível inferir que a narrativa da reportagem sugere ao leitor que as bombas não foram jogadas por comunistas ou que foi simplesmente um acidente. Um leitor atento, decerto, observou incongruências entre o que foi afirmado pelos militares e o que foi descrito na matéria, considerando que os “teipes da Rede Globo de Televisão” foram as testemunhas ao mostrar que havia mais bombas desarmadas dentro do carro. As narrativas são construídas e desconstruídas continuamente e o jornalismo tem papel fundamental nesse processo. “A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo” (MOTTA, 2014, p.2).

4. O ATAQUE CONTRA A FLOTILHA DE AJUDA HUMANITÁRIA EM GAZA

O documentário “A guerra que Você Não Vê” (2010), dirigido e roteirizado pelo jornalista investigativo e correspondente de guerra John Pilger, apresenta uma boa análise das relações entre campo midiático e as guerras que aconteceram e ainda acontecem no Oriente Médio, mostrando a influência da grande mídia na percepção popular da guerra. Ele segue uma linha semelhante à de Susan Sontag em seu último livro, “Diante da Dor dos Outros”, de 2003, que, assim como o documentário de Pilger, foi feito depois do ataque às Torres Gêmeas, em 9/11/2001, que deu impulso a uma nova onda de “Guerras contra o Terror”.

A atenção pública é guiada pelas atenções da mídia – ou seja, de forma mais categórica, pelas imagens. Quando há fotos, uma guerra se torna “real”. Assim, o protesto contra a Guerra do Vietnã foi mobilizado por imagens. O sentimento de que algo tinha de ser feito a respeito da guerra da Bósnia foi construído a partir das atenções dos jornalistas [...] que trouxeram imagens de Sarajevo sitiada para o interior de milhões de salas de estar, noite após noite, durante mais de três anos. Esses exemplos ilustram a influência determinante das fotos para definir a que catástrofes e crises nós prestamos atenção, com o que nos importamos e, por fim, que juízos estão associados a esses conflitos. (SONTAG, 2003, p. 87)

As narrativas midiáticas, muitas vezes, são criadas não somente para descrever os fatos, mas para uma representação valorativa contrastante e antagônica entre os envolvidos. Ou seja, criam-se os vilões e os mocinhos para justificar a violência ultrajante da guerra. Em paralelo a isso, o pesquisador Luiz Motta (2005, p.2) reitera que “quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário.” Assim, não há narrativas ingênuas.

No documentário de Pilger (2010), foram entrevistados diversos jornalistas dos principais canais de comunicação dos Estados Unidos e da Grã Bretanha. Os profissionais foram questionados quanto à sua participação frente à cobertura de guerras no Iraque e na Palestina e as consequências do modo em que os fatos foram noticiados ao público. Além disso, outras questões importantes foram levantadas: como a forma com que os crimes de guerra foram reportados e se houve uma cobertura jornalística que abordasse o ponto de vista da população civil, a parte mais sofrida em relação à guerra.

A obra evidencia a importância da propaganda para convencer a população a “comprar” a guerra. Sobre isso, o pioneiro da propaganda moderna, Edward Bernays, coincidentemente sobrinho de Freud, teria escrito que “A manipulação inteligente das massas é um governo invisível que é o verdadeiro poder governante em nosso país.” (PILGER, 2010, min. 3:09). Segundo o historiador da mídia entrevistado no documentário, Stuart Ewen, Bernays teria ido ao então presidente dos EUA, Woodrow Wilson, e dito: “Olhe, se você entrar nesta guerra [I Guerra Mundial] nós vamos ter de vender esta guerra para o povo estadunidense.” (PILGER, 2010, min.3:32). Os

“argumentos” para “vender” a entrada dos EUA no conflito seriam a construção de um narrativa não necessariamente conectada aos fatos, mas que associasse a imagem dos alemães a monstros que iriam destruir a liberdade e a democracia.

Figura 8: Captura de tela do documentário A guerra que você não vê, expõe cartaz para convocação de tropas nos EUA mostrando gorila com capacete militar alemão da I Guerra Mundial



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pskjzl2czKg&t=288s>)

Ademais, a falta de visibilidade de outras narrativas que não fosse a do país “invasor” contribuiu para que a guerra devastasse o território com mais intensidade. Os jornalistas “embutidos”, que mostravam somente o ponto de vista das tropas invasoras, tiveram um importante papel negativo nesse período. O documentário traz cenas dilacerantes que demonstram a crueldade da guerra no Iraque e no Afeganistão após os ataques às Torres Gêmeas, sendo noticiada com um certo ar satírico pelos jornalistas, enquanto milhares de pessoas perderam a vida e outras ficaram desalojadas. Cenas contrastantes na qual transparecem as verdades não reveladas nas notícias através das imagens reais das consequências da guerra para os civis indefesos.

Já sobre o conflito histórico que ocorre entre Israel e o povo palestino, o documentário revela diversos crimes de guerra como o assassinato de jornalistas independentes ou palestinos em campo e ataque ao pessoal de ajuda humanitária. Segundo dados apresentados no documentário citando relatórios da Organização das

Nações Unidas (ONU), dez jornalistas palestinos teriam sido mortos por forças de Israel entre 1992 e 2010. Mas mesmo os jornalistas ocidentais distantes do campo de batalha, de modo geral, iam de encontro com a narrativa estabelecida pela “máquina de propaganda do governo israelense”, pois seria muito mais cômodo, e seguro para a carreira, criticar o povo palestino do que criticar Israel, como explica o professor e pesquisador Greg Philo, do Grupo de Estudos de Mídia da Universidade de Glasgow, Escócia.

Depois do primeiro livro [More bad news from Israel] eu fiz uma série de entrevistas com jornalistas da Grã Bretanha, da BBC News, passei muito tempo com produtores-sêniores de noticiários televisivos. E um deles me disse, no contexto de uma discussão acalorada que estava acontecendo com os jornalistas. Ele disse: “A gente espera com medo”, essas foram suas palavras exatas. “Nós esperamos com medo o telefonema dos israelenses. A única questão que encaramos então é de que nível deles veio. Veio de um grupo de monitoramento? Veio da embaixada israelense? E daí, até que ponto irá em nossa organização? Será até o editor imediato? Ou o superior? Ou o diretor geral?” (PHILO *in* PILGER, 2010, 1:05:30-1:06:12min)

O documentário detalha os acontecimentos no litoral da Faixa de Gaza no dia 31 de maio de 2010, quando forças israelenses atacaram uma frota de ajuda humanitária em águas internacionais, e suas repercussões midiáticas na Inglaterra. Na ação militar, nove tripulantes da flotilha, que não faziam parte de grupos beligerantes e não estavam armados, foram assassinados. Nos dias seguintes, o governo de Israel utilizou seus porta-vozes para dar declarações de que os soldados teriam sido atacados e agiram em autodefesa. O governo também distribuiu vídeos editados e legendados que mostrariam o ataque aos soldados (figura 15), exatamente como voltaram a fazer no caso do bombardeio ao Hospital Batista Al-Ahli, no último dia 17 de outubro. Os voluntários que não foram a óbito, incluindo 40 de nacionalidade britânica, foram detidos em Israel.

Figura 9: Captura de tela do documentário “A Guerra que Você Não Vê”, mostrando vídeo editado e legendado pelo governo de Israel para justificar feridos e mortos no ataque à flotilha internacional de ajuda humanitária em maio de 2010.



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pskjzl2czKg&t=288s>)

Levaria quase quatro meses para uma investigação independente da ONU classificar o ataque como crime de guerra. Essa contrapartida às informações oficiais oferecidas pelo governo de Israel em junho de 2010 teria tido, segundo o documentário, pouquíssima repercussão midiática nos noticiários internacionais. Quanto a espaço para porta-vozes do povo palestino no noticiário, não houve nenhum, nem na época dos assassinatos, nem quando da divulgação do relatório da ONU. A BBC News Brasil publicou uma notícia que abordava esse fato (figura 10), mas pontuava que “pouco antes do relatório ser divulgado, o governo de Israel criticou o Conselho de Direitos Humanos da ONU, afirmando que o órgão era extremista, politizado e tendencioso”.

Figura 10: Captura de tela de notícia sobre o crime de guerra em Gaza pela BBC News Brasil

Relatório da ONU condena ataque israelense a frota de ajuda a Gaza

22 setembro 2010



Nove ativistas morreram no ataque ao Mavi Marmara

(Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/09/100922_frotagazaonufn)

Considerações Finais

Nos períodos de guerra, ou nos embates políticos militarizados, a “verdade” costuma ser a primeira vítima, como bem pontuou Phillip Knightley no título de seu livro sobre correspondentes de guerra. Mas o conflito em curso na Faixa de Gaza, que ensejou esse ensaio, levou a morte da verdade a um novo patamar.

Quando fechávamos este texto, a ONU já somava 122 jornalistas e outros trabalhadores de comunicação mortos pelas Forças de Defesa de Israel¹³ na Faixa de Gaza. É o maior número de profissionais de comunicação mortos em tão pouco tempo (116 dias) em qualquer conflito no mundo todo em toda a história do jornalismo. Ainda assim, o texto de onde essa informação foi retirada, no portal brasileiro Universo On Line escrito com informações da Agence France Presse (AFP), destaca que, apesar da ONU ter denunciado que aparentemente as mortes seriam uma estratégia “deliberada” (aspas do UOL), o problema é a “guerra iniciada após o ataque sangrento do movimento islamista palestino Hamas contra Israel em 7 de outubro”. Em seguida, o texto “informa” (aspas nossas) que quatro jornalistas israelenses teriam sido mortos pelo Hamas em 7 de outubro, e outros três comunicadores “morreram no Líbano

¹³ Veja em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/02/01/especialistas-da-onu-denunciam-morte-e-silenciamento-de-jornalistas-em-gaza.htm#:~:text=De%20acordo%20com%20relat%C3%B3rios%20das,Israel%20em%207%20de%20outubro>

devido aos bombardeios de Israel perto da fronteira entre os dois países”. É interessante a escolha do verbo na voz passiva ou ativa dependendo de quem é assassinado.

Como a verdade é um conceito fluido, o jornalismo deve ser feito a partir dos enquadramentos nos quais a narrativa dos eventos seja radicalmente centrada nos fatos objetivos. “Informar” que os ataques das forças armadas de Israel contra o povo palestino começaram em 7 de outubro de 2023, é na verdade desinformar os leitores. As pressões, como classifica a editora-sênior da BBC, Fran Unsworth (PILGER, 2010, 1:05:04 min), sempre existirão, seja de governos estrangeiros com máquinas de propaganda muito eficientes, seja do “ Deus Mercado”, seja de governos autoritários e com leis de censura sobre os veículos de comunicação. Entretanto, o jornalismo comprometido com os fatos e sua correta contextualização sempre soube driblar essas pressões e informar o público sobre os fatos importantes que o atingem. Os exemplos de como a imprensa brasileira atuou cobrindo eventos de bombas no fim da ditadura militar demonstram que isso é possível.

As narrativas e enquadramentos mais verossímeis dos fatos podem, ao fim e ao cabo, não resultarem em uma verdadeira justiça ou resolução de conflitos. O papel do jornalista, portanto, é limitado no seu poder real de influência na população pelo contrapoder de fato, legalmente institucionalizado ou não. Contudo, segue sendo nossa obrigação ética com a sociedade informar a população corretamente sobre os fatos. Se salvamos uma única vida, salvamos o mundo inteiro. Aliás, parece que essa frase já foi escrita em algum livro sagrado.

REFERÊNCIAS

A GUERRA que você não vê. Direção: John Pilger; Alan Lowery. Reino Unido:2010. 95 min. Son. Color.

ALMEIDA, et al. **Orientalismo na Imprensa Brasileira: O Brasil de Fato e suas influências na construção de novas narrativas acerca do conflito de Israel e Palestina.** – INTERCOM -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, PUC - Minas, 4 set. 2023. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br>

COMISSÃO Nacional da Verdade. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Governo Federal, Brasília 2014. Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>

CHOMSKY, Noam. Mídia: **Propaganda política e manipulação**. São Paulo, Martins Fontes, 2017.

GARIBALDI, Christinny. **Enquadramento de notícias e sua influência na opinião pública**. Site Politize.com. 29 de Jun. 2017. Disponível em <https://www.politize.com.br/enquadramento-de-noticias-e-sua-influencia/>

MISLEH, Soraya. **Al Nakba: um estudo sobre a catástrofe da Palestina**. São Paulo, Editora Sundermann, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. 41-42

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; São Paulo; 2005. São Paulo: Intercom; 2005.

PILGER, John; LOWERY, Alan. **The war you don't see**. Documentário em vídeo. Colorido, 97 min. Produção ITV, 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7Q38XOzC5cI>

RELATÓRIO da ONU condena ataque israelense a frota de ajuda a Gaza. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/09/100922_frotagazaonufn

SAID, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo, Editora Unesp, 2012.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo Companhia das Letras, 2007.

SOARES, Rosana de Lima. **Pequeno inventário de narrativas midiáticas: verdade e ficção em discursos audiovisuais**. Significação : Revista de Cultura e Audiovisual, São Paulo, v. 37, 22 dez. 2010. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2010.68122> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/issue/view/5342>

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo, Editora Schwarcz, 2008.

SOUZA, Vinicius. **Desafios da Coleta e Distribuição da Informação em Rede: a importância da confiabilidade e da proteção da fonte no jornalismo via internet**. Revista Alterjor, São Paulo, ano 2, v. 2, nº 4, jul-dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88241> . Acesso em: 31 jan. 2024

SOUZA, Vinicius. **Quer que desenhe? Imagens, fake news e mudança no modo de pensamento**. São Paulo, Editora Casa Flutuante, 2023.

SÁ BARRETO DOS SANTOS; Francisco; DUARTE GOMES DA SILVA, Eduardo. **A construção do fato pelo discurso midiático: o caso do atentado a bomba no Aeroporto**. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3561>